

O lugar da Educação no Pensamento de Hannah Arendt

Marcela Barbosa Leite¹

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a concepção de educação no pensamento arendtiano. Trata-se de mostrar como Hannah Arendt situa a essência da educação e o papel que ela deve desempenhar em um mundo moderno em crise. Para Arendt, o papel da educação é *iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e por natureza novos*. Mas, como introduzir o novo no mundo? Que mundo é esse para o qual nascemos? São as questões que teremos como pano de fundo em nossa reflexão.

Palavras-Chave: Educação, nascimento, mundo.

"(...) é a singularidade que distingue cada ser humano de todos os demais, a qualidade em virtude da qual ele não é apenas um forasteiro no mundo, mas alguma coisa que jamais esteve aí antes". (Hannah Arendt)

¹ Marcela Barbosa Leite é doutoranda em Filosofia pelo Programa de Doutorado Integrado UFPE-UFPB-UFNR. É professora de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) e da Faculdade de Direito de Garanhuns (FDG/AESGA).

Entre o Passado e o Futuro ...Qual o lugar da educação no pensamento de Hannah Arendt? Eis a reflexão que nos propomos a realizar a partir do ensaio “A crise na educação”² em que aborda a educação como um fenômeno diretamente relacionado com a crise que atravessa o mundo moderno: a perda da tradição e da autoridade refletida tanto na esfera privada – a família e a escola – quanto na esfera pública – política.

Nossa questão será: qual é o papel desempenhado pela educação num mundo em que o sentido da tradição ficou para trás e não se sabe mais o que significa autoridade? Pois não é o mundo moderno esse que está sempre inovando, revolucionando, esse em que tudo muda a toda hora? Não vivemos num mundo em que não sabemos mais em quem confiar e, dada a estranheza e fragilidade do mundo, nós mesmos nos sentimos inseguros, estranhos e incertos de nosso próprio caminho? Como, então, educar? Como pensar a educação num mundo moderno em crise? Segundo Hannah Arendt, "a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem* para o mundo"³. Ou de outro modo: *iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e*

² Trata-se do Capítulo 5 de ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

³ ARENDT, Hannah. 2002, p. 223.

*por natureza novos*⁴ – tal é o papel que a educação deve desempenhar. Mas, como introduzir o *novo* no mundo? Que mundo é esse para o qual nascemos? São as questões que teremos como pano de fundo em nossa reflexão.

A primeira questão a considerar é: Não basta nascer, estar simplesmente aí presente no mundo para de fato afirmar uma existência propriamente humana; outros seres - os animais, as coisas naturais e também as coisas fabricadas estão presentes no mundo, são também um “vir a ser”, diz Hannah Arendt, tal como um gatinho o é em seu processo de formação. Assim, “nascer”, significa, para o homem muito mais do que biologicamente “vir ao mundo”; significa, antes de tudo, ser introduzido no mundo – nesse mundo estranho, hostil, ameaçador.

Eis, então, como coloca Morandi, os objetos para os quais se volta a educação na concepção arendtiana: a criança e o mundo⁵. Sua função é também dupla: “a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela

⁴ ARENDT, Hannah. 2002, p. 225.

⁵ MORANDI, F. **Filosofia da Educação**. Tradução de Maria Emil P. Charnut. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 39.

continuidade do mundo”⁶. Em outros termos, há de se preservar a vida da criança - que ao nascer é frágil, impotente, desamparada - e cuidar de sua inserção na realidade sócio-histórica-cultural que a espera e, ao mesmo tempo, preservar o mundo, transmitir a tradição, as heranças culturais no sentido de garantir a continuidade do mundo⁷.

Ao chamar a atenção para a responsabilidade em "dose dupla" da educação, Hannah Arendt quer mostrar que a educação tem um lugar no *tempo* e na *História*: é preciso proteger esse "ser que nasce", protegendo também o mundo constantemente ameaçado pelo novo que irrompe a cada nova geração⁸, ao renovar ou interromper qualquer plano ou previsão a seu respeito.

O que há mesmo, no fundo, com essa preocupação? É que, para Hannah Arendt, a criança, como o vir-a-ser, é o advento, a esperança, a confiança de que algo realmente novo possa surgir. Poderíamos, então, dizer que *nascer* significa exatamente isso: iniciar "algo novo", fazer emergir a "novidade" no mundo preexistente, já estruturado, o qual encontramos ao chegarmos com o nosso nascimento biológico. Dito de outro

⁶ ARENDT, Hannah. 2002, p. 235.

⁷ MORANDI, F. 2002. p. 39.

⁸ ARENDT, Hannah. 2002, p. 235.

modo, na *natalidade* reside a possibilidade de irromper "algo novo", de "começar algo novo por nossa própria iniciativa", mas esse "algo novo" não implica necessariamente um abandono do que tradicionalmente foi constituído em prol de um progresso da História. Pelo contrário, o "novo" como início, é condição preliminar (ontológica) do ser de ação que é o homem; significa, para Hannah Arendt, a capacidade do homem de trazer ao mundo o "imprevisível", o "improvável", é o "nunca visto", o "inesperado", o "milagre" tal como ela própria diz, um dar continuidade ao mundo e ao mesmo tempo, preservá-lo em seu passado.

Contudo, na modernidade, o *entusiasmo extraordinário* pelo novo⁹ trouxe conseqüências alarmantes no âmbito da educação pelo fato de cedermos tão facilmente ou, nas palavras de Hannah Arendt, *servil e indiscriminadamente* às teorias psicológicas, aos programas pretensamente inovadores da Pedagogia e da Pragmática modernas. Hannah Arendt nos remete a três pressupostos básicos¹⁰ pelos quais evidencia-se o quanto o mundo moderno se distanciou da tradição e *sem tradição não*

⁹ As análises de Hannah Arendt são dirigidas especialmente para os EUA e perfeitamente estendidas a todo mundo ocidental.

¹⁰ ARENDT, Hannah. 2002, p. 229-232.

*pode haver autoridade*¹¹ e, sem autoridade, não pode haver educação.

Resumidamente, falemos desses três pressupostos: O primeiro, fala de uma autonomia do mundo da criança: trata-se uma sociedade formada e governada por crianças, em que os adultos se encontram excluídos; a autoridade repousa no grupo e a criança individual é exposta à tirania da maioria; o segundo pressuposto diz respeito ao que prega a moderna Pedagogia: o professor deve se preocupar com o ensino em geral, ou seja, é aquele que pode ensinar qualquer coisa, desobrigando-se a si mesmo de conhecer a sua própria disciplina. Professor e aluno, em matéria de conhecimento, se colocam a par de igualdade, perdendo-se então a noção de autoridade do professor como o que, dado o seu percurso intelectual, tem experiência e a competência daquele *que sabe mais e pode fazer mais*. O terceiro pressuposto, seguindo essa mesma linha de raciocínio da Pedagogia e da Pragmática modernas, concerne à aprendizagem: só se pode conhecer ou aprender aquilo que se faz; não se ensina conhecimento. Ensinar é ensinar como se produz, ensinar é

¹¹ SOUKI, Nádía. "Da crise da autoridade ao mundo invertido". In. MORAES, Eduardo Jardim de. BIGNOTTO, Newton (Orgs). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: Ed. EFMG, 2001. p. 129.

facilitar a aquisição de uma habilidade; substitui-se, portanto, o aprendizado pelo fazer (extracurricular) e, assim, dá-se importância demasiada ao brincar como atividade primordial da criança, substituindo também o trabalho (que favorece, pouco a pouco, a passagem do mundo infantil ao mundo adulto) pelo brincar, em nome de um mundo infantil absolutizado.

O que Hannah Arendt denuncia é que "as relações reais e normais entre crianças e adultos, emergentes do fato de que pessoas de todas as idades se encontram no mundo, são assim suspensas"¹². Isto porque a modernidade tratou de diluir ou eliminar a diferença essencial entre dois domínios essenciais da vida humana: a esfera privada e a esfera pública, uma se interpondo ao alcance da outra¹³. A esfera privada é o espaço das relações familiares, da intimidade, dos interesses pessoais e domésticos; é o domínio das necessidades, das carências, neste sentido, a família constitui um "porto seguro" no qual o indivíduo se protege e se "esconde" do mundo quando é preciso. Já a esfera pública é o lugar onde encontramos outros indivíduos e juntos construímos um "mundo comum"; é, pois, o lugar da pluralidade,

¹² ARENDT, Hannah, 2002, p. 230.

¹³ Essa questão é trabalhada mais detidamente em sua obra *A Condição Humana*.

da liberdade, da ação, o lugar em que "eu sou alguém", portanto, o lugar que me confere uma segunda natalidade – a política, como a capacidade de estar com outros, de me colocar no lugar de outros, de ver e ouvir, de falar e ser visto por outros, enfim, o público é a possibilidade de começar algo novo, de resignificar o mundo¹⁴.

Assim, ressalta Hannah Arendt, a invasão do mundo público no privado e vice-versa, influenciou também a educação moderna ao estabelecer um mundo independente, próprio das crianças à margem do mundo dos adultos. O que se fez foi expor essa "sociedade de crianças", prematuramente e violentamente, a um mundo público e, ao retirar a autoridade das mãos dos adultos, entregando-a ao próprio grupo, anula-se o "espaço

¹⁴ Para existirmos humanamente é preciso aceder a essa segunda natureza - a política - que só é possível quando o homem se liberta da cadeia das necessidades situadas no mundo privado, e assume livremente um lugar no mundo público, um lugar em que ele se faz visível pela fala e pela ação. O que Hannah Arendt quer dizer é que pelo discurso e pela ação que não apenas nos diferenciamos das outras coisas intramundanas, elas próprias diferentes uma das outras, mas nos *manifestamos enquanto homens* e nos distinguimos em nossa singularidade. Cf. ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo e Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003, p. 40.

privilegiado" em que se dão as *condições ao desenvolvimento e crescimento vitais*¹⁵

Segundo Hannah Arendt, a escola deve se apresentar como uma “barreira” contra a modernidade ao assumir um caráter “conservador”: justamente por preservar o novo, ela tem a função de conservar o passado, aquilo que foi construído antes de mim, a tradição. E isto, como dissemos, não é feito sem autoridade. Esse caráter de conservação é, portanto, na concepção arendtiana, *a própria essência da educação*: algo precisa ser preservado, ser protegido: “a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo”¹⁶. Neste sentido, a educação tem como tarefa resguardar a *memória*, a relação com o passado, como o fio que dá o sentido de permanência com o mundo e de durabilidade do mundo.

A educação, pois, se situa nessa “brecha”, num “tempo suspenso” *entre o passado e o futuro*; entre o velho e o novo. Que significa essa “brecha”? Que a educação é o espaço que se interpõe entre a primeira e a segunda natalidade, entre o espaço privado e o público. Como a própria Hannah Arendt assinala, “(...) a escola não é de modo algum o mundo e não deve fingir sê-

¹⁵ ARENDT, Hannah, 2002, p. 236.

lo; ela é em vez disso, a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fito de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo”¹⁷.

Para Hannah Arendt, portanto, o campo da educação não é o campo da política (é pré-político), e mais, deve ficar longe dele. Educação não é coisa para adultos, estes já estão educados; a política, sim, é o lugar dos adultos, dos iguais, capazes de argumentar, de ser, livremente, no mundo¹⁸. A educação é o lugar das relações entre adultos e crianças que se encontram juntos no mundo; é o lugar dos "desiguais", se pudermos dizer assim, por isso exige-se autoridade, isto significa, obediência, porém sem uso da força. E não é qualquer um que pode desempenhar essa função. Diz ela: “(...) Qualquer pessoa que se recuse a assumir a

¹⁶ ARENDT, H. 2002, p. 242.

¹⁷ ARENDT, H. 2002, p. 238.

¹⁸ A política, pertencendo ao espaço público, é algo que se dá na esfera do "poder", ou seja, da ação e da palavra, neste sentido, o poder é a capacidade de "começar algo novo", de dar sentido às coisas, de ressignificar o mundo (por isso é a nossa segunda natalidade), implica capacidade de persuasão. Vê-se, então, que *poder* e *violência* em Hannah Arendt, não são a mesma coisa. Só onde não há o poder, instala-se a violência. Autoridade, por sua vez, pressupõe obediência, hierarquia e isto quer dizer, exclui o uso a argumentação - própria do espaço da liberdade do público. Neste caso, vê-se, também, que para Hannah Arendt, a pretensão de educar adultos não passa de uma "doutrinação" disfarçada e é, na verdade, uma violência.

responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação”¹⁹. É coisa para quem ama, dirá Hannah Arendt. Só pode ser educador, pois, quem quer se responsabilizar pelo mundo, e tomar nas próprias mãos, com a autoridade de quem é educador, o compromisso pelo *cuidar* do mundo, *cuidar* do futuro e isto implica respeitar o passado²⁰.

E essa é a tarefa do educador: não simplesmente ser capaz de instruir, mas manter o sentido de continuidade do mundo, garantir a preservação do antigo a partir do qual o novo irrompe; ser o "representante" do mundo, apresentando-o aos recém-chegados ao dizer: "eis aí o nosso mundo". A educação é, antes de mais nada, uma *atitude* frente ao mundo e implica a aquisição de um, entre tantos, ponto de vista sobre o mundo.

Referências Bibliográficas

¹⁹ ARENDT, H. 2002, p. 239.

²⁰ "Na educação, essa responsabilidade pelo mundo assume a forma de autoridade (...), porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume pelo mundo". ARENDT, H. 2002, p. 239.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo e Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

MORANDI, F. **Filosofia da Educação**. Tradução de Maria Emil P. Charnut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

SOUKI, Nádía. "Da crise da autoridade ao mundo invertido". In.

MORAES, Eduardo Jardim de. BIGNOTTO, Newton (Orgs).

Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias. Belo

Horizonte: Ed. EFMG, 2001.